

apresentação & tradução:

m
BARBOSA

Escola Superior de Artes Célia Helena > ESCH

{ “ M A S N Ã O A N D E
P O R A Í N U A E M P E L O ! ”
— G E O R G E S F E Y D E A U }

Dramaturgo, tradutor, professor e
pesquisador de teatro. Doutor pela
UFBA

E-mail: marcosbarbosa@hotmail.com.

“ M A S N Ã O A N D E
P O R A Í N U A
E M P E L O ! ”

Ao urdir as loucuras que desencadeiam a bilaridade do público, mantenbo o sangue frio do farmacêutico que dosa um medicamento.

Georges Feydeau

Marcos BARBOSA¹

Escola Superior de Artes Célia Helena > ESCH

Em *As rãs*, de Aristófanes, somos levados pelo comediógrafo grego às portas do Hades na companhia do deus Diôniso (disfarçado de Hércules) e de seu servo, Xântias. Mal roga para que se abra o portão do Inferno, Diôniso é recebido aos socavões e impropérios por Áiaco, juiz dos mortos, que toma o deus pelo celerado Hércules, assassino do cão guardião Cérbero. Literalmente borrado de medo, Diôniso atocha a malfadada fantasia de Hércules em Xântias, mas quem atravessa agora o portão é uma das criadas de Perséfone, que tem a missão de receber Hércules com comida, com bebida e com a dança de jovens dançarinas depiladas. Irado com a reviravolta, Diôniso recupera a fantasia de Hércules às pressas mas, mal a veste, vê-se confrontado por taberneiras, que cruzam o portão para cobrar de Hércules, aos berros e ameaças, contas que não foram pagas. Numa última tentativa de salvação, Diôniso convence Xântias a, mais uma vez, envergar o sinistro disfarce. E é Xântias (disfarçado de Hércules) quem vai agora enfrentar Áiaco, que acaba de voltar com seus guarda-costas, prontos para encher Hércules de pancadas. Justo quando achamos que, por fim, Diôniso (agora disfarçado como escravo de Xântias) vai se livrar das bordoadas, a retórica preciosa de Xântias convence os brutamontes a comprovarem sua inocência através do interrogatório e da tortura de um de seus escravos: o deus Diôniso!

1 Dramaturgo, tradutor, professor e pesquisador de teatro. Doutor pela UFBA.

E-mail:marcosbarbosa@hotmail.com.

Dois milênios e meio nos separam da escrita de *As rãs*, entretanto não parece ter envelhecido um só dia a potência dramática da situação armada em torno de cronometradas surpresas de entra-e-sai, que vêm sempre desafiar a capacidade da plateia de prever qual peripécia será perpetrada da próxima vez que algum personagem cruzar a porta. Digo potência *dramática* e não, estritamente, potência *cômica*, porque é patente, quando se tem em mente o teatro francês do século XIX, que não foram só as gargalhadas arrancadas nos palcos do *vaudeville* que se valeram desse dispositivo, mas também as copiosas lágrimas dos melodramas, clássicos ou românticos, em voga na mesma época.

Mestres do urdimento de enredos de troca, trapaça e surpresa, uma leva de dramaturgos franceses assombrou, escandalizou, encantou e deleitou milhares de espectadores ao longo de décadas da mais absoluta efervescência teatral. Se hoje (como à época) certa crítica põe em questão o mérito artístico dos melodramas ou dos *vaudevilles*, isso se dará menos por conta das reiteradas acusações que pesam sobre o urdimento de seus enredos (replicação de clichês, abusos de coincidências...) ou de seus personagens (inverossimilhança de intento, exageros de paixão...) e muito mais por conta de um vício da crítica dramatúrgica, em geral: o de só considerar verdadeiramente artística a dramaturgia que desafia padrões e que deforma expectativas, deixando de ver o quanto isso costuma desaguar, quase sempre, no culto a novas linhas de produção de clichês, cujas réplicas cada vez mais diluídas, longe de apresentarem novos horizontes para a arte dramática, costumam antes implicar a segregação agressiva e cega de plateias e de leitores.

Na constelação do *vaudeville* francês, reina soberana a estrela de Georges Feydeau (1862-1921), cuja paixão por intrincadas tramas e quiproquós aflora mesmo em sua biografia. Filho de um romancista (Ernest Feydeau), Georges Feydeau insistiu diversas vezes – alegando para isso confissões de sua mãe – ser filho bastardo ora de Napoleão III, ora do Duque de Morny (filho do meio-irmão do imperador). Após seu estabelecimento como autor teatral, o que se dá na segunda metade dos anos 1880, Feydeau mantém-se em produção frenética, dividindo seu tempo de criação artística com a jogatina, o abuso de cocaína e a visita a uma longa lista de amantes, enquanto escreve (e, às vezes, dirige) cerca de duas peças por ano. A vida produtiva de Feydeau, como dramaturgo, encerra-se junto com seu casamento com Marie-Anne Carolus-Duran, em 1916 (o marido, infiel contumaz, não suportara descobrir que também sua esposa mantinha relações fora do casamento). Em rota sem retorno, através de uma

estrada tortuosa de melancolia e de ostracismo, Feydeau passa seus últimos anos de vida internado em uma casa de saúde em Rueil-Malmaison, em tratamento de distúrbios psíquicos decorrentes da sífilis.

“*Mas não ande por aí nua em pelo!*” é uma obra da maturidade de Feydeau, escrita em 1911 em meio a uma série de outras peças de um ato. Organizada em nove cenas, toda a trama da peça é construída em torno das tentativas de um deputado, Ventroux, de fazer com que sua esposa, Clarisse, não zanze pela casa vestida apenas com a roupa de baixo (ou, como insiste Ventroux, “nua em pelo”). A situação seria menos grave em dias normais, mas escala a uma catástrofe social para o deputado à medida que confusões de papel e coincidências inoportunas fazem circular pela casa um mordomo impertinente (Victor), um político rival (Hochepeix), um repórter do *Figaro* (Jaival) e – em participação fulgurante – uma vespa, que obriga Clarisse a ficar cada vez mais nua.

Os que alegam interesse pela comédia leveira como porta para a compreensão de uma certa filosofia do riso e do cômico terão excelente oportunidade de encontrar em “*Mas não ande por aí nua em pelo!*” um belo campo de provas, por exemplo, para a teoria da comicidade de Henri Bergson (1859-1941). Embora o filósofo francês prefira citar Molière (1622-1673), Jean Racine (1639-1699) ou mesmo Eugène Labiche (1815-1988) a Georges Feydeau, será impossível não enxergar em nosso *vaudeville* encarnações do *boneco de molas* nas aparições sempre irrefreáveis da seminua Clarisse, ou o *fantoches de cordas* no modo como Ventroux parece resultar mero joguete das circunstâncias que o supliciam de vergonha em vergonha, ou mesmo a *bola de neve* no número cada vez maior de testemunhas da nudez progressiva de Clarisse. Sobretudo, encontra-se em “*Mas não ande por aí nua em pelo!*” um exercício poético refinadíssimo dos procedimentos cômicos fundamentais que Bergson denominou de *repetição*, *inversão* e *interferência de série*; talvez baste, para isso, apontar que o *grand finale* da peça é justo uma reunião precisa de todos os procedimentos listados: retorna, de modo renovado, a exposição de Clarisse (dessa vez a Clemenceau, que a vê desde a janela da frente), inverte-se o lugar inicialmente estabelecido de Ventroux como voz da autoridade na casa e se põem, lado a lado, numa mesma situação, uma simples saudação de vizinhos e a ruína política de um deputado.

Também encontrarão salvo-conduto para apreciar “*Mas não ande por aí nua em pelo!*” os admiradores do prestigiado Teatro do Absurdo. Afinal, já são muitos os críticos que localizam na dramaturgia de Feydeau fonte de inspiração para autores como Jean Tardieu (1903-1995) e Eugène Ionesco (1909-1994).

A linhagem indicaria o retorno, no Teatro do Absurdo, da exploração em viés cômico de temas como o tédio, a apatia, a estreiteza de imaginação, a impossibilidade de comunicação e a falência da linguagem, justamente como explorados por Feydeau em seus *vaudevilles*. A relação não é absolutamente vazia e encontrará ainda melhor paralelo na influência que teve, sobre a obra de Samuel Beckett (1906-1989), o trabalho de Buster Keaton (1895-1966), palhaço das telas do cinema americano, criado em uma família de artistas de *vaudeville*.

“*Mas não ande por aí nua em pelo!*” será ainda do interesse dos que, para confessar o gosto pela comédia ligeira, precisam antes de um aval de fundo moral, do tipo: “trata-se de uma crítica à mediocridade ridícula da burguesia” ou “em sendo uma comédia ligeira, é também um posicionamento político digno de ser analisado”. Afinal, tendo sido escrita na fase mais, digamos, “social” de Feydeau, a peça de fato se presta a um comentário, digamos, “político” do cotidiano da Paris do início do século XX. Afinal, a ridicularização de Ventroux é um claro achaque à ala arrivista dos políticos de esquerda, tanto é assim que se chega ao ponto de mencionar, na peça, um certo Clémenceau, desocupado vizinho de porta dos Ventroux (“É o nosso maior piadista! Tem um espírito debochado! É terrível!”), em referência direta a Georges Clémenceau (1841-1929), político francês do partido radical, célebre, entre outras coisas, por ter sido o editor responsável pela publicação do *J'accuse*, de Zola, no jornal *L'Aurore*, em 1898. E para os que possam ver na escolha do nome uma mera coincidência, cabe notar que o político Georges Clemenceau nascera em Mouilleron-en-Pareds e que Hochepeix, o grande rival de Ventroux, na peça, é justamente prefeito de... “Moussillons-les-Indrets”!

Postas em relevo as ressalvas de mérito anteriores para a leitura de “*Mas não ande por aí nua em pelo!*”, resta talvez dizer que os leitores que de fato aproveitarão a peça serão os que não requerem nenhuma salvaguarda para racher de rir diante da bestagem, da bobagem, da besteira; os que se contentam com o fato de que se trata – confessemos! – de uma peça acerca das peripécias do *derrière* de uma dondoca! Serão esses os leitores para os quais Feydeau terá dedicado a genialidade de sua escrita: os heroicos leitores que, como defende Cleise Mendes (2008), alegam o “direito à besteira”, sem culpa de “rir por nada”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓFANES. *As vespas. As aves. As rãs*. Tradução de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro, Zahar, 1996.

BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre a significação da comicidade*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. 2 ed. São Paulo, Martins Fontes, 2007.

L'HÔTEL DU LIBRE EXCHANGE. Disponível em [www.colline.fr/sites/default/archive/0.267869001274196312.pdf]. Acesso em 14/10/2013. Dossier pedagógico para encenação de Alain Françonrevue, para o La Colline Théâtre National, de Paris, em 2008.

MENDES, Cleise. *A gargalhada de Ulisses: a catarse na comédia*. São Paulo, Perspectiva, 2008.

SANTORO, Jean-Louis. “L’outrage a la pudeur publique”. In: *Comunicação e Inovação*. v. 10, n. 19. São Caetano do Sul, jul-dez, 2009. pp. 3-9.

THOMASSEAU, Jean-Marie. *O melodrama*. Tradução de Claudia Braga e Jacqueline Penjon. São Paulo, Perspectiva, 2005.

“Mas não ande por aí nua em pelo!”¹

Comédia em um ato, de Georges Feydeau

Representada pela primeira vez em 25 de novembro de 1911, no Théâtre
Femina

Tradução de Marcos Barbosa

PERSONAGENS

Ventroux
Hochepeix
Romain de Jaival
Victor
Clarisse de Ventroux

A sala principal dos Ventroux. Ao fundo, no meio da cena, uma porta de duas folhas que abre para dentro (o batador direito fixado por um ferrolho exterior). Esta porta dá para um vestibulo, ao fundo do qual, bem de frente, percebemos a porta de entrada da casa, ela mesma abrindo para o corredor (batador direito fixado). À direita da porta do salão para o vestibulo, também de frente para o público, uma porta única que abre para a coxia e que leva ao quarto de Clarisse. À esquerda da cena, em primeiro plano, uma empanada contra a qual há um móvel de apoio qualquer. Em segundo plano, formando um pano de corte, uma porta de compensado com duas folhas que conduz ao escritório de trabalho de Ventroux. À direita da cena, em primeiro plano, a chaminé com seus acessórios e seu tampo de vidro; em segundo plano, uma janela com imposta. Entre as cortinas e a janela, uma grande persiana de isolamento descendo até o chão e correndo sobre trilho, da boca de cena para o fundo. Puxadores para a operação da persiana no lado esquerdo da janela. Em cena, de frente para o público, um grande canapé de encosto alto, com o lado direito do assento quase tocando a chaminé pelo lado mais ao fundo; em frente ao canapé, à direita, sobre uma mesinha baixa, uma xícara de café, um pequeno bule e um açucareiro, todos sobre uma pequena bandeja. Na boca de cena, próximo à chaminé, de costas para o público, uma poltrona estofada de encosto baixo. À esquerda da cena, uma grande mesa de salão, posicionada perpendicularmente aos espectadores, com uma cadeira de salão de cada lado. Cadeira à esquerda e à direita da porta ao fundo. Botão de campainha elétrica no canto da chaminé, ao lado da janela. Sobre a mesa, um bloco de notas. Lustre, lareira com tela, porta-lenha etc. O

1 “Mais n’te promène donc pas toute nue!” In: FEYDEAU, Georges. *Théâtre Complet VIII: La Lycéenne, Le Ruban, La Duchesse des Folies Bergère, “Mais n’te promène donc pas toute nue!”*. Paris, Le Bélier, 1955. 272 p. *Les Documents Littéraires*. pp. 239 a 268.

resto do mobiliário, ad libitum.

PRIMEIRA CENA

Victor, seguido de Ventroux

Quando sobe a cortina, Victor, sobre um cavalete, conserta os puxadores da persiana da janela. (O batedor esquerdo da porta para o vestibulo está aberto.) Dos bastidores, no quarto de Clarisse, ouvimos fragmentos de uma conversa na qual predominam as vozes de Ventroux e de seu filho; a voz de Clarisse está mais distante, como se vinda de um cômodo mais afastado. Em determinado momento, distingue-se isso:

VOZ DE VENTROUX. Como? Você disse o quê, Clarisse?

VOZ DE CLARISSE. *(muito longe para que compreendamos o que ela diz) ?*

VOZ DE VENTROUX. Ah! Bem... Não sei. Assim que terminarem as sessões, aí nós vamos para Carbourg.

VOZ DO FILHO DE VENTROUX. Ê! Isso aí, papai! Ê! Oba! Para Carbourg!

VOZ DE VENTROUX. Ê! Pois bem! Mas espere a Câmara entrar em recesso!

VOZ DE CLARISSE. *(no mesmo diapásão que as outras)* Esperem aí, crianças, que eu vou pegar minha camisola!

VOZ DE VENTROUX. Oh! Clarisse! Clarisse! Ora veja! Você perdeu o juízo?

VOZ DE CLARISSE. Por quê?

VOZ DE VENTROUX. Mas, faça-me o favor! Ora veja, olhe só você! O seu filho aí!

VOZ DE CLARISSE. Ah! Pois não! Pois não! É só o tempo de pegar minha camisola e/

VOZ DE VENTROUX. Pois sim! Pois sim! Faça-me o favor, ora veja! Você está louca? Estamos vendo você. Sai pra lá!

VOZ DE CLARISSE. Ah! E por isso você me enfeza! Se pretende fazer cena...

VOZ DE VENTROUX. Ah, não! Qual o que! Eu prefiro ir embora a ver certas coisas... E aliás, você, Auguste, que tanto tem você a fazer no quarto de sua mãe?

VICTOR. *(que, a partir de um certo momento, parou seu trabalho para prestar atenção – com um meneio da cabeça)* Estão se comendo!

VOZ DE VENTROUX. Vai! Dá o fora daqui!

VOZ DO FILHO DE VENTROUX. Sim, papai.

VENTROUX. *(aparecendo em cena e fazendo bater a porta atrás de si)* Ah, não! Que falta de pudor... *(a Victor)* E você? O que faz aí?

VICTOR. *(ainda em seu cavalete)* Acertando os puxadores.

VENTROUX. Será que não pode se retirar quando vê que estou... que estou debatendo com a madame?

VICTOR. Eu gostaria de concluir meu trabalho, monsieur.

VENTROUX. Ah, sim! Para escutar melhor atrás das portas?

VICTOR. Das portas? Mas eu estou à janela...

VENTROUX. Já está bom. Saia daqui!

VICTOR. *(abandona a persiana, que ele deixa bem aberta, e desce de seu cavalete)* Sim, monsieur.

Ele faz baixarem os últimos degraus do cavalete, de modo a dobrá-lo.

VENTROUX. E leve seu cavalete!

VICTOR. Sim, monsieur.

Ele sai, levando seu cavalete.

VENTROUX. *(fechando-lhe às costas a porta, com ímpeto)* Sempre preciso botar esse aí pra correr!

Ele avança e, aborrecido, vai sentar-se à direita da mesa.

CENA II

Ventroux, Clarisse

CLARISSE. *(surge como um vento, de seu quarto. Ela está de camisola, mas vem de chapéu e de botinas. Avança em direção ao seu marido)* Agora essa! Quer me dizer o que deu em você? Quem o deixou assim?

VENTROUX. *(o cotovelo direito sobre a mesa, o queixo sobre a palma da mão, sem se virar)* Justamente quem me pergunta, pelo visto. *(Vira-se para a esposa e se apercebe dos trajes dela)* Ah, não! Não! Você não vai andar de camisola pelo apartamento também... e com esse chapéu na cabeça!

CLARISSE. Ah, é! Bem, mas antes eu lhe peço que se explique. Quanto ao chapéu, eu já vou tirar.

VENTROUX. Ora, seu chapéu! Eu não dou a mínima para o seu chapéu! Não é por causa dele que eu estou assim.

CLARISSE. Enfim, o que foi que eu fiz?

VENTROUX. Oh! Nada! Nada! Você nunca faz nada!

CLARISSE. *(voltando em direção ao sofá)* Não que eu saiba...

VENTROUX. *(levantando-se)* Pois tanto pior! Porque é ainda mais grave se você nem mesmo tem consciência da impropriedade de seus atos.

CLARISSE. *(sentando-se no sofá)* Quando quiser se explicar...

VENTROUX. Então você acha adequado, para uma mãe, trocar de roupa na frente do filho?

CLARISSE. Foi por isso que você saiu desse jeito?

VENTROUX. Claro que foi por isso!

CLARISSE. Ah! E eu achava que tinha cometido algum crime.

VENTROUX. Então você acha isso natural?

CLARISSE. *(com inquietação)* Humpf! Que importância isso tem? Auguste é uma criança... Se você acha que ele sequer fica olhando, coitado! Ademais, para uma mãe, isso não conta.

VENTROUX. *(resoluto)* Nem quero saber se conta. Isso não se faz.

Ele volta a sentar-se no canapé.

CLARISSE. Um fedelho de doze anos!

VENTROUX. *(atrás dela)* Não! Com licença: treze!

CLARISSE. Não, doze!

VENTROUX. Estou dizendo: treze! Completou já faz três dias.

CLARISSE. Ah! Pois bem, é... três dias! Isso não conta.

VENTROUX. *(voltando ao centro da cena)* Ah, sim! Para você, nada conta.

CLARISSE. Você acha que ele sequer sabe o que é uma mulher?

VENTROUX. Em todo caso, não cabe a você ensinar! Mas enfim, o que há com essa sua mania de sempre andar por aí nua em pelo?

CLARISSE. Como assim, “nua em pelo”? Eu estava de combinação.

VENTROUX. É ainda mais indecente! Dá para ver você através, como se fosse papel manteiga.

CLARISSE. *(levantando-se e indo até ele)* Ah! É isso! É isso, diga logo! É aí que você quer chegar: Você queria que eu usasse combinação de algodão!

VENTROUX. *(estupefato)* O quê? Combinação de algodão? Quem está falando em combinação de algodão?

CLARISSE. Eu sinto muito, meu querido, mas todas as mulheres da minha condição têm combinação de trama e eu não vejo porque eu teria as minhas de madapolão.

Enquanto fala, ela passa a 1².

VENTROUX. *(avançando para a direita)* Ah, bom! Agora elas vêm em madapolão.

CLARISSE. Ah! Muito agradecida! O que as pessoas iriam dizer?

VENTROUX. *(retomando esta palavra)* As pessoas! Que pessoas? Você por acaso vai mostrar sua combinação às pessoas?

2 Há, na peça, várias referências numéricas em didascálias. Os números (1, 2, 3 e 4) costumam vir acompanhados de verbos de movimento, indicando, provavelmente, que se tratam de indicações com relação a pontos específicos do palco, a posturas corporais ou a algo similar. A despeito de muitas tentativas de encontrar uma explicação mais satisfatória para essas marcas, não consegui, até o momento, esclarecê-las convenientemente. Prefiro, entretanto, deixar os números assim, com sentido um tanto obscuro, a simplesmente suprimir essas rubricas, como costumam fazer os editores contemporâneos de Georges Feydeau, em França e em outros países. Registro ainda meu profundo agradecimento a Ilda Mendes, que se juntou a mim no esforço (por ora vão) de decifrar essa esfinge numérica. [Nota do Tradutor]

CLARISSE. (*virando-se bruscamente e investindo contra seu marido*) Eu? Eu vou mostrar minha combinação às pessoas? Você me acusa de mostrar minha combinação às pessoas! A que ponto você chegou!

VENTROUX. (*insistindo em cada “não”*) Ah, não! Ah, não! Não desvie como sempre a conversa para ficar no ataque! Eu não a acusei de nada! Eu não lhe pedi para usar combinação de algodão nem de madapolão! Eu lhe pedi simplesmente que, quando seu filho estivesse no quarto, você tivesse o pudor de não se despir na frente dele!

CLARISSE. (*com uma calma desconcertante*) Ah, mas você tem topete! É justamente o que eu faço!

VENTROUX. (*estupefato com tanta audácia, mira-a, aperta as próprias têmporas, como que para impedi-las de estourarem, depois retoma, agitando as mãos por sobre a cabeça*) Ah, não, sabe? Você, falar de topete!

CLARISSE. (*indo em direção a ele*) Absolutamente! E isso é mais uma prova de sua eterna injustiça! (*Avançando, em 2*) Ao menos tente agradar as pessoas! (*Sentando-se na poltrona, de costas para o público, próximo à chaminé*) Como eu sei que sua mente é estreita e como vocês dois estavam em meu quarto eu deliberadamente me despi no toailete.

VENTROUX. (*sentado no canapé*) Sim, só que, uma vez de combinação, você entrou no quarto. Se eu puder escolher, prefiro contrário.

CLARISSE. Mas eu fui pegar minha camisola!

VENTROUX. Ah, sim! Você sempre tem boas razões! Mas, para começar, que necessidade você tinha de se enfiar numa camisola às quatro da tarde?

CLARISSE. Mas o que é isso? Ah, mas essa é boa, mesmo! Bem se vê que não foi você a se arrebetar de calor no casamento da jovem Dùchomier. E, sim, mais uma coisa: por quem eu estava lá? Hum? Por você, é claro, não por mim! (*Ela chega ao meio da cena, sempre falante*) Para lhe poupar de uma obrigação! Como sempre! Porque, enfim, não sou eu o colega do pai dela na Câmara! Eu mesma não sou deputada! É você que é. Belo jeito de me agradecer!

VENTROUX. (*dando de ombros*) Não vejo causa para agradecimentos/

CLARISSE. (*cortando-lhe a fala*) Oh! Eu sei: Para você, tudo é obrigação! Ainda estou esperando um agradecimento de sua parte! (*Indo em direção a ele*) Não negue que, ao chegar em casa, esbaforida, eu tenha sentido a necessidade de ficar à vontade. Creio que isso é permitido.

VENTROUX. É, bem... Isso, sim. Isso eu admito!

CLARISSE. *(voltando a sentar no canapé)* Essa é boa! Obviamente, você estava aqui, no fresquinho! Não duvide que lá fora está fazendo pelo menos trinta e cinco a trinta e seis graus de... latitude!

VENTROUX. *(irônico)* Latitude?

CLARISSE. *(a quem escapa a intenção de seu marido)* Trinta e seis graus. Perfeitamente!

VENTROUX. Que “latitude”? Isso quer dizer o que, “latitude”?

CLARISSE. *(sobre o canapé, com um tom de ironia levemente menosprezante)* Você não sabe o que é... “latitude”? *(Voltando.)* Nossa... É triste, na sua idade. *(Tendo chegado à direita da mesa, voltando-se em direção ao seu marido e esmagando-lhe do alto de sua superioridade)* “Latitude” é o ter-mô-me-tro.

VENTROUX. *(com um tom zombador)* Ah... Mil perdões! Eu não sabia.

CLARISSE. De que valeu ter se formado? *(Sentando-se na cadeira à direita da mesa)* Quando eu penso que, com trinta e seis graus de latitude, você ainda nos obriga a ficar em Paris! Tudo isso porque você é deputado e não pode deixar a Câmara antes do fim das sessões... Ora, faça-me o favor. Como se a Câmara não pudesse passar sem você!

VENTROUX. *(levantando-se de uma vez e a plenos pulmões)* Eu não sei se a Câmara pode passar sem mim ou não. Sei é que quando se assume uma função deve-se cumpri-la. Ah! Essa é boa! Muito bonito se – sob o pretexto de que a Câmara pode passar sem nenhum de nós, individualmente – cada deputado desse o fora! Não precisava mais nada para que se fechasse a Câmara!

Ele retorna.

CLARISSE. Pois sim! Bom negócio! Nada mal! Sempre que a Câmara entra em recesso o país fica mais tranquilo, portanto...

VENTROUX. *(que retornou à direita da mesa, insiste em cada palavra)* Mas, minha querida esposa, nós não estamos na Câmara para tranquilizar o país! Não é para isso que somos eleitos! E depois... Depois, enfim, nós mudamos de assunto! Eu pergunto por que você anda por aí de combinação, você responde acusando o parlamentarismo. Uma coisa não tem nada a ver com a outra.

Ele se senta de frente para sua esposa.

CLARISSE. Eu peço desculpas, ora essa! Já que por causa do seu Parlamento nós ainda estamos em Paris com trinta e seis graus de... latitude.

VENTROUX. (*zombeteiro*) Você e as suas.

CLARISSE. Perfeitamente! Porque, com trinta e seis graus de... latitude, eu transpirei, e porque, toda suada, eu precisei de trocar de combinação, você achou por bem me dar bronca!

VENTROUX. Eu não dei bronca porque você mudou de combinação. Eu dei bronca porque você estava passeando na frente do seu filho numa combinação transparente.

CLARISSE. (*quase gritando*) E é culpa minha se dá para ver através?

VENTROUX. Não! Mas é culpa sua se você entra, vestida com ela, no quarto.

CLARISSE. Ah, não! Isso é o cúmulo! Agora não tenho mais o direito de entrar no meu quarto?

VENTROUX. Mas eu nunca disse isso! Não aja como se eu tivesse dito algo que não disse!

CLARISSE. (*sem dar-lhe ouvidos*) Você quer que eu vá me despir onde? Na cozinha? No escritório? Na frente dos empregados? Ah! Na mesma hora você ia guinchar feito uma fuinha!

VENTROUX. Maldita a hora dessa discussão!

CLARISSE. (*levanta e volta em direção ao canapé*) Nada de “maldita a hora”! Eu estava no meu quarto. Era você que não tinha necessidade alguma de estar lá! Eu não chamei você, chamei? (*Senta-se no canapé*) Se meu traje o deixou constrangido, era só ter ido embora.

VENTROUX. (*levanta-se*) Ah! Eis a lógica dela!

CLARISSE. É isso mesmo! Fazer uma cena dessas porque eu entrei vestida de combinação! (*Bruscamente e quase gritando*) Você queria que eu fizesse o quê, se a minha camisola estava no meu quarto?

VENTROUX. (*indo até ela*) É... Bem... Eu estava lá! Bastava ter me pedido! Eu a levaria até você!

CLARISSE. (*com uma lógica desconcertante*) Logo, daria no mesmo: você teria me visto “nua em pelo”.

VENTROUX. Mas, eu! Eu! Eu sou seu marido!

CLARISSE. E ele... Ele é meu filho!

VENTROUX. *(puxa os cabelos, como que para arrancá-los e fala com voz chorosa)* Ah, não! Eu desisto! *(A Clarisse)* Então você acha que é a mesma coisa?

CLARISSE. Mas um filho é até mais próximo!

VENTROUX. Oh!

CLARISSE. Afinal, quem é você? Para mim, você é um estranho! Você é meu marido, mas isso é uma convenção! Quando eu casei com você – nem sei por que/

VENTROUX. *(inclinando-se)* Obrigado.

CLARISSE. *(sem se deixar interromper)* /eu nem te conhecia e, pluft, no dia seguinte, porque tinha lá um gordo com uma cinta tricolor, na frente do qual nós dissemos “sim”, estava admitido que você me visse nua em pelo. Ora essa! Isso sim é indecência!

VENTROUX. Ah! Você acha?

CLARISSE. Mas, do contrário, quem é meu filho? É minha carne! É meu sangue! E, bem... Que a carne de minha carne veja a minha carne não tem nada de inconveniente. *(Levanta-se)* Salvo as convenções.

VENTROUX. Mas as convenções são tudo! São tudo!

CLARISSE. *(passando na frente dele, com empáfia)* Para os espíritos mesquinhos, sim. Mas, graças a Deus, eu estou acima disso!

VENTROUX. *(afundando na poltrona, próximo à chaminé)* Agora essa! Agora essa! Ela está acima disso! É assim que ela resolve tudo.

CLARISSE. *(voltando à carga enquanto vai se sentar no canapé)* Não, mas, enfim... Desde a mais tenra infância do garoto ele já não assistiu à minha toalete umas vinte e cinco mil vezes? E você nunca disse nada!

VENTROUX. Mesmo assim, chega um dia em que é preciso parar com essas coisas.

CLARISSE. *(exasperadoramente calma)* Ah, sim. Não nego.

VENTROUX. Pois muito bem, então.

CLARISSE. *(de olhos no teto)* Bom e... quando?

VENTROUX. “Quando” o quê?

CLARISSE. *(no mesmo jogo)* Qual o dia? Qual a hora?

VENTROUX. O quê? O quê? Qual o dia? Qual a hora?

CLARISSE. De parar. Tem que haver um dia, uma hora especial. Porque logo hoje? Por que não ontem? Por que não amanhã? Daí a minha pergunta: “Qual o dia? Qual a hora?”

VENTROUX. *(repetindo no mesmo tom)* “Qual o dia? Qual a hora?” Ela e essas perguntas... Eu é que sei? Como você quer que eu especifique?

CLARISSE. Você não sabe especificar! *(Levanta e avança contra o seu marido)* Você não sabe especificar! Maravilha! E aí você quer que eu, uma mulher que, por definição, devo ser menos inteligente que você – pelo menos é o que você diz – você quer eu decida isso, quando você mesmo se declara incapaz!

VENTROUX. *(fora de si)* Meu Deus, mas que besteira você disse agora!

CLARISSE. *(indo pela esquerda)* Ah, não! Você me ataca, eu me defendo!

VENTROUX. *(levanta e vai até ela)* Enfim, você quer provar o quê? Que uma mãe tem razão de se mostrar de combinação a seu filho?

CLARISSE. *(encostando-se na borda da mesa, à esquerda)* Mas não é aí que eu estou querendo chegar! Para você isso é muito desagradável, hum? Pois muito bem. Você só precisa me dizer, sem se irritar; eu vou obedecer.

VENTROUX. *(pouco convencido)* Ah, sim! Você vai obedecer! *(Sentando-se à mesa pela direita.)* Você sabe muito bem que não! Você não consegue deixar de andar por aí de combinação. É mais forte que você.

CLARISSE. Ah, mas que exagero!

VENTROUX. Todo dia eu lhe faço essa observação!

CLARISSE. Eu lhe asseguro que não! Se você ainda me vir alguma vez como hoje de manhã é porque eu ainda não terminei minha toaleta, mas uma vez vestida eu lhe garanto/

VENTROUX. Que não vai mais estar só de combinação. Mas isso é óbvio! Só que você nunca está vestida!

CLARISSE. (*irritando-se*) Pois muito bem! Você quer o quê? Que eu não faça mais minha toailete?

VENTROUX. Claro que sim! Claro que sim! Faça sua toailete, mas fique lá no seu canto para fazer! E feche a porta! A porta ainda está aberta, nesse exato instante! Muito conveniente para os empregados!

CLARISSE. O que? Mas eles não entram.

VENTROUX. Eles não precisam entrar para ver, basta olhar.

CLARISSE. Se você acha que um empregado liga para isso.

VENTROUX. Ah, não! Não é? Não são homens como os outros? Ah, mas essa é boa! Você deixa a porta aberta quando faz a toailete e se tranca quando prende o chapelete!

CLARISSE. (*com pequenos gestos mesquinhos e esmiuçantes de mulheres maníacas*) Ah, sim, porque eu não gosto de ser incomodada quando prendo o chapelete, não gosto que fiquem andando à minha volta, não consigo.

VENTROUX. (*levanta e volta a sentar no canapé*) É uma pena que o mesmo não valha para a sua ablução... Mas não é só isso! Você faz mais: Você acende a luz do toailete e nem mesmo fecha as cortinas!

CLARISSE. (*com um gesto indignado*) Mas quando?

VENTROUX. Mas... ontem!

CLARISSE. (*subitamente calma*) Ah, sim, ontem.

VENTROUX. Porque você não vê do lado de fora, você faz como a avestruz: pensa que, de fora, não te vêem.

CLARISSE. (*indo encostar-se contra a borda da mesa, com tranquilidade*) Humpf! Quem você acha que fica olhando?

VENTROUX. Quem? (*indicando a janela com um gesto*) Clemenceau, minha cara esposa! Clemenceau, que mora aí defronte... e que fica o tempo todo na janela!

CLARISSE. Humpf! Ele viu bem certas outras, Clemenceau!

VENTROUX. É possível... É possível que ele tenha visto outras, mas eu gostaria assim mesmo que ele não visse essa. Aí, bem: eu fico a salvo!

Ele senta-se no canapé.

CLARISSE. De que?

VENTROUX. De que? Mas você nem imagina! Você não conhece Clemenceau! É o nosso maior piadista! Tem um espírito debochado! É terrível! Se ele fizer uma piada comigo ou me enfiar um apelido ele pode me afundar!

CLARISSE. Não precisa ter medo. Ele é do seu partido.

VENTROUX. Mas justamente! É sempre em nosso próprio partido que se encontram os inimigos! Se ele fosse de direita, aí sim! Eu não daria a mínima! Nem ele! Mas estando do mesmo lado, nós somos rivais! Dizem que Clemenceau pode virar ministro outra vez... e eu também!

CLARISSE. *(medindo-o de cima a baixo)* Você?

VENTROUX. *(levantando-se)* O que? Você sabe muito bem! Você sabe muito bem que numa das últimas reuniões, depois do meu discurso sobre a questão agrária, vieram logo me oferecer a pasta da... da Marinha.

CLARISSE. *(sentando-se à direita da mesa)* Nossa...

VENTROUX. Ministro da Marinha! Nada mal, hum? Você me imagina?

CLARISSE. Não mesmo.

VENTROUX. *(vexado)* Claro...

CLARISSE. Ministro da Marinha! Você não sabe nem nadar!

VENTROUX. E o que isso prova? Por acaso é preciso saber nadar para administrar os negócios do estado?

CLARISSE. Pobres negócios!

VENTROUX. *(sempre falando, indo em direção ao fundo, pela esquerda da cena, de forma a ficar à esquerda da mesa)* Sim, claro, entendi. Ah! Eu me pergunto por que ainda discuto. Ninguém é profeta em suas terras. Felizmente as pessoas que não me conhecem me julgam de outra maneira! *(Sentando-se na cadeira, à esquerda da mesa, defronte sua esposa)* Pois bem, eu suplico! Não entrave minha carreira

comprometendo uma bela situação com imprudências cujos efeitos podem ser irreparáveis.

CLARISSE. *(dando de ombros)* Irreparáveis...

VENTROUX. Imagine que amanhã você é esposa de um ministro! Quando você for esposa de ministro será que você vai saracotear pelos corredores do ministério vestindo uma combinação?

CLARISSE. Claro que não!

VENTROUX. E quando eu digo ministro... Sabe-se lá! É a beleza desse tipo de regime: todo mundo pode aspirar a se tornar qualquer dia... presidente da república. Pois bem, que eu me torne! *(Erguendo a mão, como que para deter uma objeção)* Suponhamos! Que venhamos a receber reis, rainhas! Você vai recebê-los de combinação?

CLARISSE. Ah, não! Não!

VENTROUX. Você se mostrará a eles assim como está?

CLARISSE. Mas claro que não, ora veja... Eu vestiria meu robe de chambre.

VENTROUX. *(levanta-se e segura a cabeça com as mãos)* Um robe de chambre! Ela vai vestir um robe de chambre!

CLARISSE. Ah, enfim! Eu vou vestir o que você quiser!

VENTROUX. *(defronte à mesa)* Não! É terrível, minha filha! Você não tem a menor ideia do que seja apropriado.

CLARISSE. *(empertigando-se com um gesto indignado)* Eu?

VENTROUX. *(com indulgência, tomando-lhe amigavelmente os ombros entre as mãos)* Oh! Eu não quero ver você assim! No seu caso não se trata de maldade; pelo contrário, é ingenuidade. Mas isso não impede que, por caminhos opostos, cheguemos ao mesmo resultado.

Ele passa a 2.

CLARISSE. Diga pelo menos um caso! Diga pelo menos um caso em que eu tenha sido inconveniente!

VENTROUX. Ah, mas nem precisa ir muito longe! Ontem mesmo, quando Deschanel veio me visitar.

CLARISSE. Sim, e daí?

VENTROUX. Não fazia nem cinco minutos que eu o tinha apresentado e você não achou nada de melhor a dizer que: “Ah, mas que curioso, o tecido das suas calças! Que tecido é esse?” E você se meteu a apalpar as coxas dele!

Ele demonstra enquanto fala.

CLARISSE. (*esquivando-se*) As coxas! As coxas! Eu só estava preocupada com o tecido.

VENTROUX. Sim, mas as coxas estavam embaixo. Você acha que isso são modos?

CLARISSE. Pois sim, mas o que você queria que eu fizesse? Eu não podia pedir a um senhor que eu estava vendo pela primeira vez para tirar as calças!

VENTROUX. (*abrindo bem os braços*) Isso não! Isso não! Mas você podia ter passado sem tatear o pano! Me parece que Deschanel tem histórico político suficiente para que você se permita descobrir alguma coisa a lhe falar que não tenha a ver com calças. Sobretudo apoiada por gestos!

CLARISSE. (*indo à extrema direita*) Ora, mas você vê maldade em tudo.

VENTROUX. (*erguendo os ombros, retornando*) Ah, é! Eu vejo maldade em tudo!

CLARISSE. (*retornando bruscamente e indo sentar-se à esquerda da mesa, de frente para Ventroux*) Eu lhe aconselho a fazer uma autocrítica. Você é severo demais com os outros! Você fala dos meus modos! Pois bem, vamos lá... e aquele dia... no piquenique... com Mademoiselle Dieumamour?

VENTROUX. O que? O que? Mademoiselle Dieumamour?

VENTROUX. Quando você deu uma chupada na nuca dela... Você acha que aquilo foi conveniente?

VENTROUX. Quando eu... (*Segurando a frente com as duas mãos.*) Ah, não! Ah, não! Quando as mulheres se metem a inventar histórias...

Ele senta-se à direita da mesa.

CLARISSE. Como assim? Você não deu uma chupada na nuca dela?

VENTROUX. (*com força*) Sim, eu dei uma chupada na nuca dela! Evidente que

dei uma chupada na nuca dela! Chupei-lhe a nuca e estou muito orgulhoso de ter chupado. Isso me honra!

CLARISSE. Ah, você acha?

VENTROUX. Você não estará achando que foi por algum desejo inspirado pelas quarenta primaveras dela ou pelos buracos de catapora que ela tem no nariz que eu/

CLARISSE. Com os homens, a gente nunca sabe! É algo impuro, sim!

VENTROUX. Mas eu asseguro! Simplesmente ela tinha sido picada por uma vespa, a picada ficou com um aspecto horrível, já estava toda inchada! Eu não podia deixar o veneno se espalhar só por respeito às convenções!

CLARISSE. *(dando de ombros)* Veneno! Como você sabe que a vespa era venenosa?

VENTROUX. *(com um tom cortante)* Eu não sabia de nada! Mas na dúvida não se pode hesitar. Uma picada de vespa pode ser fatal se não for cauterizada ou se não se chupar imediatamente a ferida. Não havia nada para cauterizar, então eu me ofereci! Fiz o que pedia a caridade cristã! *(Então, com gesto largo)* Chupei!

CLARISSE. Ah, sim! Muito cômodo! Por essa lógica, você pode chupar a nuca de todas as mulheres que lhe agradem, sob o pretexto de que elas talvez tenham sido picadas por uma vespa venenosa.

VENTROUX. Mas olha só! Mas olha só! Aonde você quer chegar? Então acha que fiz aquilo por diversão?

CLARISSE. *(sem convicção)* Não... Não...

VENTROUX. Eu passei duas horas com gosto de vela queimada e de cosmético rançoso na minha boca! Se você não acha que isso é digno de mérito!

CLARISSE. Ah, é, sim! Tudo o que os outros fazem é errado, mas tudo que você faz é admirável!

Ela se levanta.

VENTROUX. Eu não disse isso!

CLARISSE. *(inclinando-se sobre a mesa em direção ao seu marido sentado)* Em todo caso, se eu tivesse chupado a nuca de Monsieur Deschanel... Ah, aí sim! O que eu não teria que aguentar!

Ela avança, em 2.

VENTROUX. Claro! Naturalmente!

CLARISSE. Viu? Viu? Que foi que eu disse? (*Firmando-se diante do marido.*) E você chama isso de justiça?

VENTROUX. (*toma-lhe a mão, fita-a, meneia a cabeça com um riso indulgente, e por fim*) Vê? Você tem um jeito de discutir que te desarma.

CLARISSE. Por que? Não é verdade?

VENTROUX. (*puçando-a para si, a plenos pulmões, reforçando cada palavra*) Sim! Aí, sim! Você tem razão! Foi a última vez que eu chupei a nuca de Mademoiselle Dieumamour!

CLARISSE. (*vivamente*) Ah, mas eu não estou pedindo isso! Se ela for picada de novo, coitada, é o seu dever de homem...

VENTROUX. Exato! Você está vendo que é da mesma opinião que eu.

CLARISSE. (*indo à toda contra ele, com um tom choroso*) Mas é que você também me irrita! Você me diz coisas ferinas e aí é mais forte que eu. Eu me enervo!

VENTROUX. Eu? Eu te disse coisas ferinas?

CLARISSE. Disse, sim! Disse que eu ando por aí nua em pelo e que eu chupei a nuca de Monsieur Deschanel.

VENTROUX. Eu nunca disse isso!

CLARISSE. Não, quer dizer, disse que eu belisquei as coxas de Monsieur Deschanel.

VENTROUX. Enfim, santa miséria! Quando você faz coisas que eu desaprovo, eu tenho, sim, o direito de lhe fazer comentários.

CLARISSE. (*apoiando-se no joelho*) Eu não disse que não, mas você pode fazer isso com delicadeza! Você sabe muito bem que quando fala com doçura você faz de mim o que bem quer...

VENTROUX. Pois, sim, que seja, gentilmente: Eu lhe suplico que não ande sempre de combinação, como você faz.

CLARISSE. Isso! Pronto! É só dizer assim!

VENTROUX. Até que enfim! É assim que eu gosto de ouvir!

CLARISSE. *(de queixo no ombro)* Por aí você vê como eu sou razoável, quando você quer.

Nesse momento, Victor, vindo do fundo, entra sem rodeios na sala principal.

CENA III

Os mesmos, Victor.

VICTOR. *(vendo Clarisse de combinação, nos joelhos de Ventroux, vira-se prontamente)*
Oh!

CLARISSE. *(vira-se com o grito e, então, ao ver Victor)* Oh!

Ela dá um salto em direção à janela, dando uma viravolta na passagem, de modo a girar Victor que, de costas, lhe obstrui o caminho com sua presença.

VENTROUX. *(ainda sentado, mas se recompondo com as palmas das mãos)* Hein? Que foi? Quem está aí?

VICTOR. *(sem se virar)* Eu, monsieur!

CLARISSE. *(na janela, segurando contra si a barra da cortina, sem se desfazer do abraço)*
Não olhe! Não olhe!

VICTOR. *(com o tom blasé de um homem que já viu outras)* Humpf...

VENTROUX. *(atravessando a cena, com ira)* Ah! “Não olhe! Não olhe!” Já não era sem tempo!

CLARISSE. *(para acalmá-lo)* Mas eu estou atrás da cortina!

VENTROUX. *(diante do canapé)* De que vale isso? Agora esse moço viu você de combinação!

VICTOR. *(1, com o mesmo tom blasé)* Ora... Mas eu não sou novo na casa...

VENTROUX. *(indo à extrema direita)* Agora essa! É isso! Claro! Não é a primeira vez que ele a vê de combinação! Muito encantador!

CLARISSE. (3) Eu garanto, meu querido!

VENTROUX. (*voltando para perto do canapé*) Ora, me deixe em paz! Quando você sabe que alguma coisa me desagrada...

VICTOR. (*com boas intenções*) O monsieur não fique bravo! Eu sou apaixonado por minha brejeirinha, logo...

VENTROUX. (*pulando, 2, em direção a ele, 1*) O que foi que você disse? Agora essa! Diga, vamos: “O senhor fique com a sua brejeirinha”! Por acaso você está supondo que a madame...

VICTOR. (*protestando*) Mas, monsieur!

VENTROUX. Enfim, o que está havendo? O que você quer?

VICTOR. Dizer ao monsieur que esta manhã esteve aqui um senhor que deixou esta carta.

VENTROUX. (*tomando-lhe a carta com um gesto brusco*) Quem será? (*Passando, 1, praguejando*) Essa mania de meter o nariz em tudo... (*Tendo lido*) Ah, não! Será possível? Ah! Aquele lá! Ele veio aqui?

VICTOR. Exatamente: ele.

VENTROUX. (*para colocá-lo em seu lugar, com um tom áspero*) Quem? “Ele”, quem? Quem é “ele”?

VICTOR. (*sem se desconcertar*) Ele, ora! Aquele senhor. E ele disse que passaria novamente às quatro e meia.

VENTROUX. (*erguendo a cabeça com um sorriso interior que ilumina sua fisionomia*) Ah! Ele... (*Volta-se e dá com Victor, muito próximo, que ergue a cabeça da mesma forma, com um sorriso aprovador*) Quer dar logo o fora daqui?

VICTOR. (*dando o fora*) Sim, monsieur.

Ele sai.

CENA IV

Clarisse, Ventroux

CLARISSE. *(saindo de atrás da cortina e soltando um suspiro de alívio)* Ah! Ufa...

VENTROUX. *(indo em direção à poltrona da direita)* Ah, sim! Você tem mais é que dizer “ufa” mesmo! E eu não estou nada triste com o que aconteceu!

CLARISSE. *(que ladeou o canapé para chegar ao meio da cena)* É mesmo? Ainda bem. Estava com medo que isso tivesse lhe desagradado.

VENTROUX. *(aturdido por esta interpretação)* O que? *(Colérico.)* Pois me desagradou, sim! É claro que desagradou!

CLARISSE. *(avançando em direção ao seu marido)* Então porque você disse que não estava nada triste?

VENTROUX. *(no mesmo jogo)* Eu não estou nada triste com o que aconteceu porque, talvez, isso lhe sirva de lição para o futuro.

Ele senta-se com ímpeto na poltrona próxima à chaminé.

CLARISSE. *(diante da chaminé)* Ah! Não tinha entendido assim. Pensei que fossem palavras gentis de sua parte.

VENTROUX. Agora, sim! Palavras de encorajamento?

CLARISSE. É... Fazer o quê? Um pequeno contratempo... *(Inclinando-se para seu marido.)* Quem é o monsieur que lhe mandou a carta?

VENTROUX. *(babando de raiva)* É isso, então: um pequeno contratempo! É tudo o que isso significa para você!

CLARISSE. E por isso eu deveria arrancar os cabelos? *(Sem transição.)* Quem é o monsieur que/

VENTROUX. *(irado)* Quem? O quê? Que monsieur?

CLARISSE. O que lhe mandou a carta.

VENTROUX. *(levantando-se, com ímpeto)* E o que isso lhe importa?

Ela vai ao meio da cena.

CLARISSE. *(vexada)* Ah, mas com mil perdões!

Ela senta-se no lugar que Ventroux deixou vago.

VENTROUX. *(voltando em direção à esposa)* Pois bem! Já que você quer saber, trata-se de um monsieur que ficaria muito feliz de não ter você diante de si vestida de combinação e na companhia de um empregado! Porque assim meu cartaz estaria muito bem junto aos meus eleitores...

Dizendo isso, ele senta-se no canapé.

CLARISSE. Por quê?

VENTROUX. Porque se eu abrir a guarda para as fofocas daquele lá... Ah! Ah! *(Mudando de tom)* Trata-se do homem que conduziu a mais obstinada campanha contra mim por ocasião da minha eleição.

CLARISSE. Não... Não se trata de Monsieur Hochepaix!

VENTROUX. O prefeito de Moussillon-les-Indrets em pessoa!

CLARISSE. O que? Esse homem que fez de tudo para eleger seu oponente, o Marquês de Berneville?

VENTROUX. Da união socialista! Exatamente!

CLARISSE. *(levanta-se vai para a esquerda)* Ah, mas ele tem muito peito! *(Recostando-se na borda da mesa)* Esse homem que chamou você de... mala-paiol!

VENTROUX. *(olha para ela, estarrecido, depois, lentamente, levanta-se e vai em direção a ela. Uma vez perto de Clarisse, fala com um tom malicioso)* Você disse o quê?

CLARISSE. *(com a maior naturalidade do mundo)* Mala-paiol!

VENTROUX. *(repete, rindo-se)* “Mala-paiol”! *(Corrigindo)* “Mal-a-pior”! “Mala-paiol”, não!

CLARISSE. *(no mesmo jogo)* Não é “mala-paiol”?

VENTROUX. *(na mesma moeda)* Não é “mala-paiol”.

CLARISSE. Eu sempre entendi “mala-paiol”!

VENTROUX. *(no mesmo tom que ela)* Você sempre entendeu errado.

CLARISSE. Ah, bom! É por isso que eu não entendia a expressão...

VENTROUX. *(irônico)* É por isso, certamente.

CLARISSE. De mais a mais, para mim, tanto faz. “Mala-paiol” ou “mal-a-pior”, eu espero que você ponha este monsieur de porta a fora, com todas as honras que ele merece!

VENTROUX. Pelo contrário, eu serei o mais amável o possível! E, aliás, se você o vir, eu lhe peço que faça o mesmo. (*Reforçando a palavra*) *Finja* a maior das amabilidades.

CLARISSE. (*estarecida*) Ora!

VENTROUX. Hochepaix na minha casa! É minha revanche. Além do mais ele pode bem ser a mula que vai me carregar...

CLARISSE. É, mesmo. A mula!

VENTROUX. Cabe lembrar que se trata de um grande industrial que, na sua fábrica de tecidos, emprega de quinhentos a seiscentos operários, de cujos votos ele dispõe. É bom cuidar bem dele. É preciso ser prático na vida. (*Sacando o relógio*) E nisso já são quase quatro e meia, ele não tarda a chegar. Vá! Vá se vestir!

Ele a faz passar a 2.

CLARISSE. (*retornando*) É mesmo! É mesmo! (*Mudando de ideia e voltando em direção ao canapé*) Ah!

Ela vai pressionar o botão da campainha elétrica.

VENTROUX. (*que tomou a esquerda*) O que você está fazendo?

CLARISSE. Chamando Victor.

VENTROUX. (*malicioso*) Você não acha que ele já viu o bastante?

CLARISSE. (*bate o ar com a mão, num gesto delicado, como que para enviar uma tapa ao seu marido e então*) Malvado! É para ele levar sua bandeja. (*Contorna o canapé para chegar, sempre falante, à mesinha sobre a qual está o café*) Eu já disse vinte vezes a ele que leve as xícaras quando a gente tiver acabado de tomar o café! É horrível ver essas xícaras largadas e, depois, isso junta mosquitos! E vespas! Aí está! Olha só isso! (*Tomando na mão a barra da combinação, de modo a fazer uma espécie de mata-mosca, que ela agita sobre a mesinha*) Sai! Sai! Sai, mosquito! Sai, vespa! Saia, madame! (*A Ventroux*) Eu não posso ver desordem. Eu amo a compostura da minha casa! Amo a compostura!

VENTROUX. (*mostrando a aparência da esposa*) Ela ama a compostura!

CLARISSE. *(que voltou a sentar no canapé)* E, agora, como eu não quero que Victor me veja de combinação...

VENTROUX. *(malicioso)* Sério, mesmo?

CLARISSE. *(com o mesmo gesto delicado com que ela antes lhe enviou um tapa)* Não seja importuno! *(Apertando, sentada no canapé, o botão da campainha)* Quando ele chegar, você diga a ele que leve isso tudo, sim?

VENTROUX. Bem, é... Nem vale a pena se dar ao trabalho: a campainha não está funcionando. Deve ser alguma coisa na bateria.

CLARISSE. Ah! Sem dúvida ela está vazia. Está seca. Ninguém põe água nela.

VENTROUX. Pode ser! Sei lá...

Ele volta.

CLARISSE. Vou por água.

VENTROUX. *(acompanhando-a)* Isso mesmo. Vá! Vá!

CLARISSE. Vou, sim.

Ela sai pela direita, ao fundo.

VENTROUX. *(antes de fechar a porta, abrindo-a outra vez para uma última recomendação)* E vista seu robe de chambre!

VOZ DE CLARISSE. *(no quarto)* Mas claro. Você sabe muito bem que quando você me pede com delicadeza, para mim é um prazer...

A voz se perde na distância.

GENA V

Ventroux, depois Victor, depois Hocheaix

VENTROUX. *(após fechar a porta atrás de si, para por um momento, leva os olhos ao céu, com um gesto da mão e um meneio de cabeça significativos; então, após levar a mão à testa por um segundo, vai até a janela sobre a qual a persiana ainda está puxada. Nesse momento, seu olhar se detém em um ponto que o público não percebe. Ele faz "Ah!" e, depois, faz uma saudação com a mão)* Bom dia! Bom dia! *(Ao público, com um deboche amargo)*

Clemenceau! (*Com ira, ele fecha outra vez a porta.*) Esse homem não tem mais o que fazer! (*Nesse momento, ouvimos uma campainha tocar no lado de fora*) Ah! Agora é o outro!

Dizendo isso, ele atravessa a cena e vai para o lado esquerdo da mesa, contra a qual se instala, numa atitude de dignidade.

VICTOR. (2, *anunciando*) Monsieur Hochepaix!

Hochepaix (3) entra e para à porta, um tanto hesitante.

VENTROUX. (*sem sequer virar a cara e com um tom indiferente*) Entre!

HOCHEPAIX. (*avançando*) Com licença!

VENTROUX. (*para Victor, no mesmo tom*) Deixe-nos! (Victor, após lançar ao seu patrão um olhar de espanto, deixa a sala. A Hochepaix, num tom desdenhoso e frio) Sente-se, por favor!

HOCHEPAIX. (*fazendo menção de sentar-se, à direita da mesa*) Meu nobre deputado!

VENTROUX. (*detendo-lhe o movimento*) Ah... “Nobre”?

HOCHEPAIX. (*que já quase se sentara, detém-se à observação de Ventroux*) E por que não?

VENTROUX. (*num tom alfinetado*) Depois da campanha que o senhor dirigiu contra mim...

HOCHEPAIX. Ah, sim! “A campanha”.

VENTROUX. O senhor me chamou, por toda parte, de vendido, de desgastado, de dedo-duro, de resíduo da decadência!

HOCHEPAIX. (*viva, estendendo as mãos, como que para tomar as de Ventroux*) Isso não diminui em nada minha estima, acredite!

VENTROUX. (*cáustico*) Ah, muito comovido!

Vendo que Hochepaix ameaça sentar-se, ele faz que vai sentar, também, mas se apruma novamente, ao ver que Hochepaix interrompen seu movimento.

HOCHEPAIX. Também, você queria o quê? Eu admito: você não era meu candidato!

Ele faz que vai se sentar.

VENTROUX. Isso eu notei.

Ele faz que vai sentar, mas se apruma novamente ao perceber que Hochepaix não se sentou.

HOCHEPAIX. Pois bem. O meu candidato era o Marquês de Berneville.

VENTROUX. *(com um riso alfinetado)* Mas é um direito seu!

HOCHEPAIX. Entenda: trata-se de um velho amigo; ele é da união socialista, como eu! Junte-se a isso que foi ele quem tomou minha filha sobre a fonte batismal.

VENTROUX. Isso significa muito.

HOCHEPAIX. Enfim, um monte de razões. *(Faz que vai se sentar e se apruma novamente; o mesmo jogo da parte de Ventroux)* Sem contar que ele é muitíssimo milionário e que o interesse dos meus concidadãos.... O senhor deve compreender, não?

VENTROUX. Mas, por favor, não precisa se defender!

HOCHEPAIX. E de mais a mais o senhor é que foi eleito.

VENTROUX. E, para mim, é o que importa.

HOCHEPAIX. Evidente! *(Mesmo jogo de fazer que vai sentar-se e se aprumar novamente, da parte dos dois homens)* Além do mais, tudo isso é passado! Aqui não estão mais um candidato e um eleitor, mas sim o prefeito de Moussillons-les-Indrets, que veio amigavelmente encontrar-se com seu deputado para lhe submeter uma petição de seus concidadãos e pedir-lhe que se ocupe dela junto ao ministro competente. E não duvidei um só instante de sua boa acolhida.

VENTROUX. E nisso o senhor tem toda razão! *(De frente para ele, de costas para o público)* A maior prova disso é que eu dizia agora há pouco a Madame Ventroux, que /

HOCHEPAIX. Oh! Com mil perdões. Eu não lhe pedi notícias dela. Será que não terei o prazer de ser apresentado?

VENTROUX. *(afastando-se, de modo a ficar em 2)* Ah, o senhor chegou em má hora... Minha esposa está se vestindo e, o senhor sabe, quando as mulheres se põem a fazer a toalete, isso demora muito!

HOCHÉPAIX. *(indo à esquerda)* Ah, que pena!

VOZ DE CLARISSE. *(nos bastidores)* Ah, você acha que recolheu as xícaras! Você acha que recolheu as xícaras!

VENTROUX. *(indo em direção à voz de Clarisse e falando a respeito dela)* Ah! Veja só! Eu a caluniava! Posso ouvir sua voz! *(Voltando)* Já está pronta! É um milagre!

HOCHÉPAIX. Bem, eu ficarei encantado...

CENA VI

Os mesmos, Clarisse, Victor

CLARISSE. *(ainda com as mesmas vestes de antes, surge do vestibulo, seguida de Victor, e vai em direção à mesinha da direita)* Ah, é? Pois venha ver as xícaras que você recolheu!

VENTROUX. *(virando-se enquanto fala)* Minha querida esposa, eu/ *(Percebendo as vestes dela.)* Ah!

CLARISSE. *(sobressaltando-se com o grito de Ventroux e, instintivamente, dando uma pirueta em torno de si mesma para se safar, dá-se com o canapé e cai sobre ele de joelhos)* Ah! Ai! Você me deu um susto...

VENTROUX. *(precipita-se em direção a ela e lhe fala entredentes)* Deus santíssimo! Fora daqui! Fora daqui!

CLARISSE. *(assustada e se recompondo)* O que foi?

VENTROUX. Você ficou louca? Você vem para cá de combinação quando eu tenho visita!

CLARISSE. *(para Hochépaix, por sobre o ombro de Ventroux)* Ah, desculpe, monsieur. Eu não ouvi a campainha!

HOCHÉPAIX. *(galante)* Mas, madame, eu não me incomodo!

VENTROUX. *(recuando um pouco para dar livre curso a seus gestos de indignação)* Você não tem vergonha? Se mostrar assim e com um criado na garupa!

CLARISSE. *(a meia voz, para Ventroux, no mais natural dos tons)* Mas foi porque

Victor não recolheu as xícaras. (*À Victor.*) Aí estão, meu rapaz, as xícaras que você recolheu.

VENTROUX. (*fora do sério*) Mas eu estou me lixando para as xícaras. (*À Victor*) Você, chispe daqui!

Ele o empurra para fora.

VICTOR. Sim, monsieur!

CLARISSE. (*indo até Hochepaix, enquanto Ventroux executa seu jogo de cena com Victor*) Sim, porque eu não sei se o senhor é como eu, mas quando eu vejo xícaras/

VENTROUX. (*saltando sobre sua esposa e fazendo-a passar a 3*) Sim, sim. Está bem! Sai! Chispa! Chispa! Vá embora!

CLARISSE. (*revirando-se por assim dizer nos braços de Ventroux, que a empurra para fora pela porta do fundo, desvencilhando-se*) Ah! Mas faça-me o favor! Não fale assim comigo! Eu não sou um cachorro!

VENTROUX. (*voltando a puxar os cabelos, de costas para o público*) Ah!

CLARISSE. Agora essa! (Mudando bruscamente de fisionomia e, muito amável, fala a Hochepaix, aproximando-se dele enquanto Ventroux fecha a porta do fundo) O senhor deve ser Monsieur Hochepaix.

HOCHÉPAIX. (*à esquerda da mesa*) Sim, madame, seu criado!

VENTROUX. (*voltando-se, aturdido pela falta de consciência de sua esposa*) O que?

CLARISSE. (*muito senhora da situação*) Encantada, monsieur! Sente-se, por favor!

Dizendo isso, ela se senta à direita da mesa, enquanto que Hochepaix se senta à esquerda, de frente para Clarisse.

VENTROUX. (*correndo em direção à esposa*) Ah, não! Não! Você não pretende receber uma visita nestes trajes!

CLARISSE. (*sem se deixar desconcertar, levanta-se*) Mas bem que está fazendo muito calor! (*Deita as mãos sobre as costas das mãos de Hochepaix, que as tem sobre a mesa*) Veja, sinta minhas mãos, veja se estou febril!

VENTROUX. (*abrindo os braços*) É isso! É isso! Você vai começar outra vez, igual com o Deschanel!

CLARISSE. *(sempre com as mãos sobre as de Hochepaix, o busto pendendo por sobre a mesa)* Mas como? São as mãos, não as coxas!

HOCHEPAIX. Como é?

CLARISSE. É para mostrar como estão fervendo.

HOCHEPAIX. *(aturdido, confundindo-se)* Suas coxas?

CLARISSE. *(compreendendo logo a confusão de Hochepaix e corrigindo-o vivamente)* Minhas mãos! Minhas mãos!

HOCHEPAIX. Ah...

VENTROUX. *(agarrando a esposa pelo braço e enviando-a a 3)* Sim! Está bem. Ele não dá a mínima! Monsieur Hochepaix não dá a mínima para as suas mãos!

HOCHEPAIX. *(vivaç e muito galanteador)* Mas de forma alguma!

CLARISSE. *(alisando o braço machucado pela brutalidade de seu marido)* Viu?

VENTROUX. *(explodindo e indo em direção à sua esposa, de modo a fazê-la voltar)* Sim, é... Muito bem, agora chega! Eu lhe peço que saia!

CLARISSE. *(voltando)* Está bem. Está bem. Mas então valeu de que, me pedir para ser amável?

VENTROUX. *(avançando)* E quem lhe pediu para ser amável?

CLARISSE. Como, “quem”? Você! Você! Você me recomendou claramente: “E, aliás, se você vir Monsieur Hochepaix”/

VENTROUX. *(farejando a gafe, dando um salto em direção à esposa e falando vivamente, com voz grave)* Sim, claro, claro. Muito bem!

CLARISSE. *(sem pena)* Nada de “Claro, claro, muito bem!” *(Continuando)* “E se você vir Monsieur Hochepaix eu lhe peço que finja a maior das amabilidades!”

VENTROUX. *(indo protestar junto a Hochepaix)* Eu? Eu? Mas nunca na minha vida! Nunca na minha vida!

CLARISSE. *(fazendo o mesmo)* Essa é boa! Você disse inclusive: “Ele pode muito bem ser a mula que me carregue...”

VENTROUX. *(com um movimento de corpo, como o de um homem que recebe um chute)*

em algum lugar) Oh!

HOCHEPAIX. *(com uma inclinação de cabeça acompanhada por um sorriso de malícia)*
Ah?

CLARISSE. *(seguindo, sem piedade)* “...não esqueça que se trata de um grande industrial que emprega de quinhentos a seiscentos operários. É bom cuidar bem dele!”

VENTROUX. *(falando ao mesmo tempo que Clarisse, de modo a sobrepor-lhe a voz)*
Não! Não! Nunca na minha vida! Nunca eu diria isso! Monsieur Hochepaix, eu espero que o senhor não acredite...

HOCHEPAIX. *(indulgente)* Ah! Mas se você disse...

VENTROUX. Mas, não! Não!

CLARISSE. *(falando por cima do ombro de seu marido)* Monsieur Hochepaix, eu espero que o senhor tenha a dignidade de acreditar em mim!

VENTROUX. *(no ápice da exasperação)* Ah! E você! Você me deixa louco!
(Indicando-lhe a porta.) Anda! Fora daqui! Fora daqui!

CLARISSE. *(retomando)* Ora, mas essa! Eu lhe pedi para falar comigo em outro tom!

VENTROUX. *(sem admitir mais nenhuma réplica)* Sai! Sai! Chispa daqui!

CLARISSE. *(obedecendo, mas ainda querendo estar com a razão)* Mas se você esquece o que diz...

VENTROUX. *(da mesma forma)* Sai! Xô! Xô! Dá no pé!

CLARISSE. Nada de “Xô! Xô!” Você não sabe o que está dizendo!

VENTROUX. *(empurrando-a para fora)* Mas você vai dar no pé mesmo assim!

CLARISSE. *(espantada, desvencilhando-se)* Oh!

VENTROUX. *(fecha violentamente a porta e volta, exasperado)* Oh!

Mal ele se volta, a porta se abre.

CLARISSE. *(aparecendo às costas de Ventroux)* Eu não me despedi do senhor, Monsieur Hochepaix! Foi um prazer!

HOCHEPAIX. (*inclinando-se*) Madame!

VENTROUX. (*dando uma pirueta em torno de si mesmo, ao ouvir a voz da esposa, lançando-se sobre ela como se fosse lhe dar um chute em alguma parte*) Mas, pelo amor de Deus! Será que você/

CLARISSE. (*seca, espantada*) Ora, mas veja, eu vim me despedir!

VENTROUX. (*fecha-lhe brutalmente a porta às costas e para por um instante, como que estonteado pelas emoções, segura as têmporas como que para impedi-las de explodir, depois vai em direção a Hochepaix, que está diante da mesa*) Estou indignado, Monsieur! Indignado!

HOCHEPAIX. (*com desenvoltura*) Ora, ora...

VENTROUX. (2) Monsieur Hochepaix, não acredite numa só palavra disso tudo! Foi só uma gracinha! “A mula que me carregue!” O senhor não acha que eu diria uma coisa dessas!

HOCHEPAIX. Ora, deixe disso! Eu mesmo lhe chamei de vendido, de desgastado, de resíduo da decadência!

VENTROUX. Sim, eu sei muito bem! Eu estaria no direito. Mas mesmo assim! É a forma como minha esposa – e eu lhe peço que a desculpe – de fato, ele se apresentou de um modo que...

HOCHEPAIX. (*dando-lhe cartão vermelho*) Mas muito para sua vantagem!

VENTROUX. O senhor é mesmo um galanteador! Não pense que ela tem o hábito de passear com essas roupas, mas é que, de fato, hoje está fazendo muito calor, não é? É quase desculpável! O senhor sentiu as mãos dela, o senhor pode ver...

HOCHEPAIX. Ah, sim!

VENTROUX. Além do mais, eu mesmo... Sinta as minhas! (Tomando-lhe as mãos entre as suas) Estão encharcadas!

HOCHEPAIX. (*desvencilhando as mãos para poupá-las do contato com as mãos de Ventroux e enxugando-as no pano na roupa*) Sim, sim, claro...

VENTROUX. É muito desagradável!

HOCHEPAIX. (*acabando de se enxugar e com convicção*) Ah, sim, é mesmo muito

desagradável!

VENTROUX. Naturalmente, a minha esposa, como ela estava com muito calor, ela... ela sentiu necessidade de ficar... é... como é que eu posso dizer? Meu Deus, me faltam as palavras... De combinação.

HOCHEPAIX. Ah, e como eu entendo!

VENTROUX. Não é mesmo? (*Reaproximando-se*) Não é mesmo?

HOCHEPAIX. Se eu pudesse fazer o mesmo!

VENTROUX. (*virando-se, sem pensar*) Ora, mas por favor, sinta-se à vontade!

HOCHEPAIX. Hein? O que? Não! Não! Não mesmo, de fato...

VENTROUX. (*retraindo-se*) Sim! Sim! Claro... E aí... Não é? Como ela não tinha escutado a campainha, naturalmente, ela entrou!

HOCHEPAIX. Mas ora veja!

VENTROUX. Ela pensou que estava só.

HOCHEPAIX. (*mordazmente e como se se tratasse da coisa mais natural do mundo*) Mas claro... Com o empregado!

VENTROUX. (*repetindo o que disse Hochepaix, sem refletir no que foi dito*) Com o empre... (*Engolindo a palavra.*) Ah! Sim... O empregado... (*Tentando assumir um ar liberal*) Ah! Mas o empregado, o senhor entende bem que... que... que há uma razão!

HOCHEPAIX. Entendo, mesmo!

VENTROUX. Se se tratasse de um empregado comum, é claro!

HOCHEPAIX. É claro! Se se tratasse de um empregado comum!

VENTROUX. Mas esse dois... Eles cresceram juntos.

HOCHEPAIX. Não me diga.

VENTROUX. (*com empáfia*) Trata-se... de seu irmão de leite! (*Repetindo*) Seu irmão de leite.

HOCHEPAIX. (*num aprovo*) Seu irmão de leite!

VENTROUX. Então não é? E se é um irmão de leite...

HOCHÉPAIX. *(voltando à direita da mesa)* Então não conta, obviamente!

VENTROUX. É o que eu digo: “Isso não conta! Isso não...” *(Pressionado para fazer sala)* E então vejamos, de que vamos tratar? Afinal, tudo isso são bobagens! O que o senhor vem pedir que eu encaminhe?

Enquanto fala, ele senta-se à direita da mesa.

HOCHÉPAIX. *(sentando-se de frente a ele)* Sim, pois bem! Trata-se do expresso de Paris, não é mesmo? O que para em Morinville e que chispa por Moussillon-les-Indrets... Que é uma cidade pelo menos tão importante quanto!

VENTROUX. *(aprovando)* Mas certamente!

HOCHÉPAIX. Pois muito bem: meus homens meteram na cabeça conseguir que o trem pare em nossa estação.

VENTROUX. *(erguendo a cabeça)* Ah, diabos, mas isso é difícil!

HOCHÉPAIX. *(sem perder a compostura)* Não diga isso! Por duas vezes tivemos a oportunidade de constatar que isso é possível.

VENTROUX. O expresso já parou lá?

HOCHÉPAIX. Duas vezes... A primeira depois de um descarrilamento e a segunda por causa de uma sabotagem.

VENTROUX. Ah?

HOCHÉPAIX. E, bem... Isso não atrapalhou muito o serviço!

VENTROUX. Claro... isso é um argumento.

HOCHÉPAIX. Só que – não é mesmo? – tratam-se de eventualidades que não acontecem com frequência suficiente para que nossos passageiros possam contar com elas.

VENTROUX. Sim. E o senhor preferiria uma parada regulamentar. Escute! Eu mesmo vou tratar da questão. O senhor me redigirá um pequeno relatório sobre isso tudo! E enquanto eu aguardo, para que eu não me esqueça, vou tomar nota... *(Enquanto falava, ele pegou seu bloco de notas e agora escreve)* Vamos lá: Monsieur Ho-che-paix!

HOCHÉPAIX. *(que se levantou e acompanhou com os olhos o que o outro escreveu)* Espere! Espere! *(Brusco e vivaz)* Ah, não, não! “Paix: *(Soletrando)* P–A–I–X!

VENTROUX. *(confuso)* Ah, me desculpe! *(Corrigindo.)* P–A–I–X! P–A–I–X! Acredite, foi sem intenção!

HOCHÉPAIX. *(com cordialidade)* Não faz mal. Estou acostumado! Essa é a primeira ortografia que vem à cabeça!

VENTROUX. *(gracejando)* É a mais natural.

HOCHÉPAIX. *(rindo)* Sim, sim!

Nesse momento, ouvimos um ruído de voz misturado com o choque de objetos atrás da porta do vestibulo. Ouvimos vagamente esta troca de diálogo, nos bastidores, entre Clarisse e Victor: “Vai! Vai! Me passa o cabo! – Aqui, Madame, aqui! – Ah! Me pega com força! Não vá me soltar! Deixe de bobagem! – Está firme, Madame, está bem firme!...” etc.

VENTROUX. *(que deu ouvidos a isso, falando por cima do diálogo exterior)* Essa, não. Mas o que é esse rebuliço? Será que não se pode ficar em paz nem por um instante? *(Indo bruscamente abrir a porta, que abre com os dois batedores.³)* Mas o que é isso agora? *(Percebe, empoleirada no topo de um cavalete, sua esposa – cuja parte de cima do corpo desaparece por trás do topo da porta, enquanto que Victor, com o corpo envergado e as pernas arqueadas, a agarra com as duas mãos pelas ancas. Solta um grito com um sobressalto que o faz recuar e se coloca à direita da porta)* Ah!

CLARISSE. *(2)* *(baixando-se, com o grito de seu marido, de forma a mostrar a cara; ela tem na mão um regador e fala com tom bastante natural, a Ventroux)* Ah! É você?

VENTROUX. *(4)* *(com voz embargada pela indignação)* Que é isso? Você está fazendo o que, aí?

CLARISSE. *(no mesmo jogo)* Você pode ver muito bem: estou consertando a bateria.

VENTROUX. *(espumando de raiva)* Estão querendo me fazer de palhaço, vocês dois? Isso por acaso é jeito de segurar a madame?

VICTOR. *(3)* É pra ela não cair.

3 Em previsão a este jogo cênico, um segundo antes, o artista que faz o papel de Victor deverá, nos bastidores, abrir o ferrolho que fixa o batedor da direita, de modo que os dois batedores da porta se abram. [Nota do Autor]

VENTROUX. Como assim?

CLARISSE. Sim, porque, se ninguém me agarra, eu sinto vertigem.

VENTROUX. (*avançando contra Victor*) Mas seu filho da... Você não vê que está com as mãos no... na... Isso é uma indecência!

VICTOR. (*com um muxoxo de despreocupação*) Oh!

VENTROUX. (*sacudindo-o*) Quer parar com isso? Você quer parar com isso?

Victor se afasta dela.

CLARISSE. (*que ameaça perder o equilíbrio*) Oh! Cuidado! Você vai me derrubar.

VENTROUX. (*fazendo-a descer brutalmente*) Pois bem, desça! O que você tem a fazer aí em cima? Isso é trabalho para você?

Ele a faz descer bruscamente à cena, em 4.

CLARISSE. (*que, uma vez tendo descido do cavalete, entregou o regador a Victor*) Mas ele não sabe como cuidar disso!

VENTROUX. Pois que aprenda! E esses trajes! (*Indo em direção a Hochepaix, que está defronte à mesa, apelando a ele*) Isso por acaso é conveniente? É conveniente? Lá! Com o empregado!

HOCHÉPAIX. Sim, mas... Se ele é o irmão de leite...

VENTROUX. (*estremecendo*) Oh...

CLARISSE. Quem?

VICTOR. Eu?

VENTROUX. (*brandindo sua cólera contra Victor*) Você, sim! Como assim, “Eu?” (*Enxotando-o para fora, o que o faz dar com o cavalete, sobre o qual ameaça cair*) Saia logo daqui! Quem lhe deu liberdade de se meter onde não foi chamado?

VICTOR. ⁽⁴⁾ Sim, monsieur.

VENTROUX. (*batendo a porta atrás dele*) Vou acabar botando esse

|| 4 Uma vez a porta fechada, travar novamente o ferrolho exterior.
[Nota do Autor]

animal no olho da rua! (*Indo em direção a Hochepeaix*) Eu explico. Ele é irmão de leite. É irmão de leite... Mas não do mesmo pai.

HOCHEPAIX. Como assim, “não do mesmo pai”?

VENTROUX. (*engolindo seco*) Hein? (*Retomando.*) Não! Não! Eu explico! Quando eu digo “não do mesmo pai”, isso quer dizer que... que... (*Exasperado por não encontrar uma explicação, explode*) Ora! E além do mais o senhor ainda me enche o saco com suas perguntas! Isso por acaso é da sua conta?

HOCHEPAIX. Mas... Mas...

VENTROUX. O senhor entende que, se eu tolero isso, é porque tenho boas razões.

HOCHEPAIX. Mas eu gostaria de ressaltar que não lhe fiz nenhuma pergunta.

VENTROUX. Sim... Mas eu sei como é isso! Você não pergunta nada, mas, uma vez lá fora... com o marquês: “Tititi, tititi.” Vocês vão fofocar!

HOCHEPAIX. Não! Não! Mas, que ideia!

CLARISSE. (*ao seu marido que, sempre falando, chegou perto dela*) Uma coisa eu lhe digo, meu marido. Você devia procurar um tratamento!

VENTROUX. (*fora de si, para sua esposa*) Mas, com mil demônios! Vá se vestir! Vá!

CLARISSE. Mas como assim? Me dê um minuto!

VENTROUX. (*arremedando*) “Me dê um minuto! Me dê um minuto!” Faz uma hora que/

CLARISSE. E daí? Monsieur Hochepeaix já me viu mesmo! (*Voltando, 3, por sobre o canapé, para se remeter a Hochepeaix, 1, que também voltou durante o precedente*) Enfim, Monsieur Hochepeaix, eu estou de combinação, isso é claro. Mas por acaso eu estou sendo inconveniente? Por acaso eu mostro mais que num vestido de baile?

HOCHEPAIX. (*conciliador*) Mas claro que não, madame!

VENTROUX. (*2, sentando-se, em desespero de causa, na cadeira à esquerda da porta ao fundo*) Ah, é isso que o senhor acha!

HOCHEPAIX. Eu diria mesmo que aí, de combinação, com seu chapéu na cabeça, a senhora tem quase que um ar de quem está de visita.

CLARISSE. Ouviu? É a pura verdade! *(Dando uma pirueta de modo a ser vista por todos os lados)* O que dá para ver? Eu fiz uma pergunta: O que dá para ver?

HOCHÉPAIX. Nada, ora! Só que aí, claro, eu estou vendo a senhora em sombra chinesa, porque a senhora está em frente à janela!

VENTROUX. *(empurrando a esposa e tirando-a de frente da janela)* Oh!

CLARISSE. *(ainda no movimento)* Ah! Mas só por causa da janela! *(A Ventroux)* Você é bruto, hein? *(A Hochépaix)* Fora isso...

HOCHÉPAIX. Fora isso, nada!

CLARISSE. *(sentando-se no canapé, ao fim da frase)* Pronto, não estou mais com raiva! *(Dando um grito estridente e levantando-se de súbito)* Ah!

HOCHÉPAIX. Que foi?

VENTROUX. Que foi? O que é que há, agora?

CLARISSE. *(com voz angustiada)* Ah! Eu não sei! Eu senti como uma punhalada!

VENTROUX. Uma punhalada?

CLARISSE. No coração.

Dizendo isso ela se volta e percebemos um mosquito esmagado no lado esquerdo de sua combinação, na altura dos quadris.

VENTROUX. Ah! Aí, “no coração”. É isso que você chama de coração? *(Retirando o mosquito esmagado e exibindo-o pelas asas)* Está aqui a sua punhalada! Foi um mosquito que te picou.

Ele deposita o mosquito no chão e o esmaga com o pé.

CLARISSE. *(sufocada e arfante)* Que me picou! Ai, meu Deus! Fui picada por um mosquito!

HOCHÉPAIX. Pobre madame!

VENTROUX. *(com uma alegria raiosa)* Bem feito! Com isso você aprende a não andar por aí nua em pelo!

Ele vai à extrema direita.

CLARISSE. *(indo até a mesinha)* Essa não! A culpa é sua! O que foi que eu lhe disse com relação a deixar as xícaras largadas!

VENTROUX. *(de forma similar)* Pois melhor ainda! Talvez isso lhe sirva de lição!

CLARISSE. *(indignada)* “Melhor ainda!” Ele está contente! Ele está contente! *(Enlouquecida.)* Meu Deus, um mosquito! Tomara que não seja venenoso.

VENTROUX. *(indo sentar-se na cadeira à direita da mesa, enquanto que Hochepaix, para não se envolver na conversa, afastou-se e finge examinar os quadros, para arranjar uma ocupação)* Ah, não! Ah, não!

CLARISSE. *(indo até seu marido)* Oh, Julien! Julien, por favor! *(Dando uma meia-volta de forma a mostrar-lhe o quadril e fazendo menção de levantar a combinação)* Chupe aqui, sim? Chupe aqui!

VENTROUX. *(repelindo-a novamente e levantando-se para ir em direção à direita)* Ora, me deixe em paz!

CLARISSE. Chupe logo de uma vez! Você bem que chupou a Mademoiselle Dieumamour!

VENTROUX. *(voltando rumo a Clarisse)* Mas, para começar, ela foi picada na nuca e não na... E além do mais foi uma vespa, não foi um mosquito!

Ele volta ao fundo do palco.

CLARISSE. *(a voz estrangida de emoção)* Mas um mosquito também é perigoso! Não faz nem dois dias que você viu no jornal um homem que morreu por causa de um mosquito.

VENTROUX. Uma coisa não tem nada a ver com a outra! Ali foi engolindo! Ele morreu engasgado.

CLARISSE. *(próxima à poltrona, ao lado da chaminé)* Mas pode ser que eu engasgue! Ai! Estou engasgando! Estou engasgando!

VENTROUX. *(fazendo pouco caso, sentando-se no canapé)* Ah, não! Ah, não! Ora, mas que ideia!

CLARISSE. É sim! É sim! *(Deixando-se cair na poltrona e levantando-se logo, dando um grito de dor)* Ai! *(Indo até o esposo)* Oh! Eu suplico, Julien! *(Voltando-se como antes, de forma a lhe mostrar o quadril)* Chupa aqui, vai! Chupa!

VENTROUX. (*repelindo-a, 2*) Ah, não! Ah, não! Você quer me fazer de besta!

CLARISSE. (*enlouquecida*) Homem sem coração! Homem sem coração! (*Sem saber mais a que santo se valer*) Ah, meu Deus, meu Deus! (*Apercebendo-se de Hochepaix, que foi à extrema direita e ainda está imerso no exame de bibelôs*) Ah! (*Indo em direção a ele*) Monsieur Hochepaix!

HOCHÉPAIX. (*voltando-se para ela*) Madame?

CLARISSE. (*virando-se, para mostrar-lhe o quadril*) Por favor, monsieur Hochepaix! Por favor!

HOCHÉPAIX. Eu?

VENTROUX. (*saltando sobre ela e puxando-a pelos punhos, sem mudar de número*) Ora essa! Você por acaso está louca? Como é que você pede uma coisa dessas ao Monsieur Hochepaix?

CLARISSE. E daí? Eu prefiro isso a me arriscar à morte!

HOCHÉPAIX. Por certo, madame, que eu ficaria muito honrado, mas, sinceramente!

CLARISSE. (*voltando-se a Hochepaix*) Monsieur Hochepaix, em nome da caridade cristã!

VENTROUX. (*agarrando-a pelo braço e fazendo-a girar em torno de si mesma*) Mas será possível que você ainda não desistiu?

CLARISSE. (*que, com esse movimento, se descobre em posição para se apresentar a Hochepaix conforme convém à ocorrência*) Por favor! Por favor!

HOCHÉPAIX. Mas eu lhe asseguro, Madame, sinceramente! Sem cerimônias!

VENTROUX. (*numa explosão, arrastando-a ao meio da cena, sempre sem mudar de número*) E nos deixe em paz com esse seu “Por favor, por favor!” Chupe você mesma!

Ele a larga e vai à direita.

CLARISSE. (*com a voz lacrimosa*) Como se eu pudesse!

VENTROUX. (*voltando-se a ela*) Está bem. Vá botar uma compressa! E não venha torrar a paciência com esse seu “Por favor, por favor!”

CLARISSE. (*crispando-lhe as mãos diante do rosto*) Ah, saia daqui, você! Saia daqui! Eu não quero mais te ver! E se eu morrer, que minha morte recaia sobre seus ombros!

VENTROUX. (*sentando-se na poltrona à direita da cena*) Pois muito bem! Que seja! Combinado!

CLARISSE. (*prestes a sair pelo fundo*) Assim são os homens! Assim são os homens! (*Sai precipitadamente pela esquerda, ao fundo, chamando*) Victor! Victor!

Ela bate a porta atrás de si.

CENA VII

Ventroux, Hochepaix

VENTROUX. (*afundando na poltrona*) Ela está insana! Dou a minha palavra! Ela está insana!

HOCHÉPAIX. (*começa, defronte à mesa da esquerda, após um segundo de hesitação*) Monsieur Ventroux!

VENTROUX. O quê?

HOCHÉPAIX. O senhor vai me desculpar eu ter achado que não devia...

VENTROUX. (*sem crer no que ouvem seus ouvidos*) O que?

HOCHÉPAIX. Na verdade, nós ainda não somos íntimos o bastante...

VENTROUX. Como? Ah, sim...

HOCHÉPAIX. Não é mesmo? Foi o que eu pensei.

VENTROUX. Só teria faltado isso!

VOZ DE CLARISSE. (*nos bastidores*) Ah, é! Eu vou dizer umas boas ao monsieur! Vou dizer umas boas ao monsieur!

VENTROUX. E lá vamos nós. O que ela vai inventar agora?

CENA VIII

Os mesmos, Clarisse, Victor

CLARISSE. (*surge e, de costas para o público, fala a Victor, que a segue*) Vocês são uns frouxos! (*Girando em direção a seu marido e a Hochepeaix, de uma só vez*) Vocês são uns assassinos! E Victor é igual a vocês!

VENTROUX. Que foi? Que foi? Que é isso, agora?

CLARISSE. (*atrás do canapé*) Ele também não quis chupar!

VENTROUX. (*saltando*) Victor!

VICTOR. (*um tanto constrangido, no vão da porta*) Eu não ousaria, monsieur!

VENTROUX. Mas, com mil cachorros! Agora você vai começar a se oferecer a todo mundo para uma chupada?

CLARISSE. Ai, está latejando! Ai, está latejando! Eu devo estar com um abcesso.

VENTROUX. Pois se está com um abcesso, vá ao dentista!

CLARISSE. Mas não é na boca!

VENTROUX. Então vá ao médico!

CLARISSE. Ah, sim! Sim! Tem um médico no apartamento aí embaixo!

VENTROUX. (*áspero, sentando-se na poltrona que acabara de deixar*) Ele não é médico! É um fiscal da vigilância sanitária! Ele não tem direito ao diploma!

CLARISSE. Para mim, tanto faz! Ele fez medicina. Rápido, Victor! Vá lá e traga ele aqui!

VICTOR. Pois não, madame!

CLARISSE. (*com a mão na parte dolorida*) Ai! Vou fazer uma compressa! Vou fazer uma compressa!

Ela volta para seus aposentos.

VICTOR. (*no beiral da porta, após um instante de hesitação, uma vez que constatou a saída de Clarisse*) Monsieur, não fique com raiva por eu não ter...

VENTROUX. (*saltando*) O que! Você também! (*Empurrando-o para fora*) Você me faça o favor! Faça o favor de trazer aqui o fiscal da vigilância sanitária!

VICTOR. (*precipitando-se em direção ao corredor, sem fechar a porta da sala*) Pois não, monsieur, pois não!

No momento em que ele vai abrir a porta do corredor, ouve-se a campainha e Victor dá com de Jaival, que está no vão da porta, esperando que abram.

CENA IX

Os mesmos, Romain de Jaival

DE JAIVAL. Ah! Aqui não se demora a abrir!

VICTOR. Monsieur?

DE JAIVAL. Monsieur Ventroux, por favor!

VENTROUX. (*da sala*) Aqui. O que o senhor deseja?

DE JAIVAL. Ah, perdão! (*Avançando na cena.*) Eu sou monsieur Romain de Jaival, do *Figaro*.

VENTROUX. Ah, perfeitamente, monsieur! (*A Victor, que está na soleira da sala.*) Sim, vamos logo!

VICTOR. Sim, monsieur.

Ele sai e fecha a porta atrás de si.

VENTROUX. (3) Que posso fazer pelo senhor?

DE JAIVAL. (2) Eis o quê: fui enviado pelo jornal para requisitar uma entrevista com o senhor.

VENTROUX. Aha!

DE JAIVAL. Sobre política, em geral... Uma vez que seus últimos discursos o colocaram muito em evidência!

VENTROUX. (*lisonjeado*) Ah, monsieur...

DE JAIVAL. O que eu digo é o que todos pensam... E em particular sobre o projeto de lei do qual o senhor é um dos proponentes: “Auxílio natal a operários”. O parto gratuito e a parteira do estado.

VENTROUX. Ah, sim! Muito interessante! E ao qual eu me entrego de todo coração.

DE JAIVAL. Só que eu gostaria de escrever algo vibrante, pitoresco, diferente do que todo mundo faz! Eu me dedico a fazer reportagens brilhantes, caso o senhor já me tenha lido...

VENTROUX. Mas certamente, certamente! Monsieur de...

DE JAIVAL. Jaival! Romain de Jaival!

VENTROUX. De Jaival, perfeitamente! Pois bem! Estou à sua disposição. Só que eu tenho um pequeno assunto para terminar com este senhor. (*Apresentando-o.*) Monsieur Hochepaix.

DE JAIVAL. (*inclinando-se*) Hochepaix?

HOCHEPAIX. (*soletrando vivamente*) P-a-i-x!

VENTROUX. Prefeito de Moussillon-les-Indrets!

DE JAIVAL. Oh, claro! Eu conheço!

HOCHEPAIX. (*espantado e lisonjeado*) A mim?

DE JAIVAL. Já estive lá muitas vezes, para a pesca de linha.

HOCHEPAIX. Ah! Moussillons-les... Sim, sim... Não, eu pensei que... Sim, sim!

VENTROUX. De forma que, se o senhor não se importar de me aguardar um instante, nós passaremos, monsieur e eu, ao meu escritório e, em cinco minutos, eu estarei com o senhor.

DE JAIVAL. Mas por favor! O senhor me permitirá, contudo, que eu me instale aqui nesta mesa e tome algumas notas neste meio-tempo.

VENTROUX. (*muito amável*) A casa é sua.

DE JAIVAL. *(avançando para contornar a mesa e sentar-se na cadeira da esquerda)* Com licença!

VENTROUX. Vamos lá, meu caro prefeito... de Moussillons-les-Indrets!

HOCHÉPAIX. Depois do senhor, meu caro deputado.

Eles saem pelo pano de corte à esquerda.

CENA X

De Jaival, Clarisse, depois Ventroux e Hochépaix

De Jaival se instalou à mesa, sacou seu bloco de notas e, lançando um olhar à sua volta, de forma a se inteirar do quadro, toma algumas notas.

VOZ DE CLARISSE. *(nos bastidores)* Ele ainda não chegou? *(Saindo de seu quarto e avançando na cena sem reparar em de Jaival, à mesa)* Mas, enfim, qual é a desse homem?

DE JAIVAL. *(sem poder reprimir um pequeno grito de susto ao ver aparecer uma mulher de combinação)* Oh!

CLARISSE. *(virando-se ao som da voz)* Ah! Aí está! *(Indo a de Jaival)* Rápido! Rápido, doutor!

DE JAIVAL. *(assustado com o tratamento)* Como?

CLARISSE. *(tomando-o pela mão e arrastando-o em direção à janela)* Rápido! Rápido! Dê uma olhada aqui!

DE JAIVAL. *(deixando-se levar)* Eu, dar uma olhada? Uma olhada em que, madame?

CLARISSE. No lugar da picada.

DE JAIVAL. E onde a senhora foi picada?

CLARISSE. *(manipulando a persiana)* Aqui, vou abrir a persiana para o senhor ver melhor.

DE JAIVAL. *(sem compreender aonde ela quer chegar)* Hein? Ah... Sim, madame,

sim...

CLARISSE. O senhor vai ver, doutor!

DE JAIVAL. *(detendo-a)* Mas, perdão, madame, eu não sou médico!

CLARISSE. *(atrás do canapé)* Sim, sim, eu sei! O senhor não tem o diploma! Mas isso não tem importância nenhuma! Aqui, olha!

Ela se arregaça.

DE JAIVAL. *(que, de frente para o público, volta-se para o serviço ao qual foi convidado e saltita de espanto)* Ah!

CLARISSE. *(ainda arregaçada, o corpo curvado para frente, o braço direito apoiado no encosto do canapé)* O senhor está vendo?

VENTROUX. *(com voz risonha e espantada)* Ah, sim, madame! Estou vendo! Estou vendo!

CLARISSE. E então?

DE JAIVAL. *(radiante, para o público)* Muitíssimo pitoresco! Vibrante! Mas que começo de reportagem!

CLARISSE. *(virando a cabeça de lado, mas sem mudar de posição)* Como é?

DE JAIVAL. A senhora permite que faça algumas anotações?

CLARISSE. Não! Não! Claro que não! Ora veja... Ande, apalpe!

DE JAIVAL. Apalpar...

CLARISSE. Apalpar, claro! Vamos!

DE JAIVAL. *(cada vez mais surpreso)* Hein? Ah... Sim, madame! Sim. *(Ele está de frente para o público e, com a mão esquerda invertida, ele apalpa o flanco direito de Clarisse. Num aparte)* Muitíssimo pitoresco!

CLARISSE. Mas não é aí, monsieur! É do outro lado!

DE JAIVAL. *(levando a mão para o outro lado)* Ah, desculpe!

CLARISSE. Fui picada por um mosquito.

DE JAIVAL. Aqui? Oh... Mas que topete!

CLARISSE. Eu tenho certeza que o ferrão ficou preso.

DE JAIVAL. É possível!

CLARISSE. Examine logo!

DE JAIVAL. *(adequando-se à situação)* Ah! Examinar? Sim, madame, sim!

Ele ajusta o monóculo no olho e se acocora.

CLARISSE. Está vendo?

DE JAIVAL. Espere um pouco! Ah, sim! Sim! Estou vendo!

CLARISSE. E aí?

DE JAIVAL. Está bem fundo, mas eu acho que com a unha...

CLARISSE. Oh, tente, doutor! Tente!

DE JAIVAL. Sim, madame, sim!

Nesse momento, Hochepaix sai do gabinete, seguido de Ventroux.

HOCHEPAIX. *(vendo a cena)* Ah!

VENTROUX. *(escandalizado)* Oh!

Ele se precipita em direção a Hochepaix e faz com que se vire de costas.

CLARISSE. *(sem se incomodar, nem mudar de posição)* Não atrapalhe! Não atrapalhe!

DE JAIVAL. *(arrancando o ferrão e se levantando)* Pronto, madame! Aqui está! Aqui está o malvado!

VENTROUX. *(lançando-se contra de Jaival e fazendo-o dar uma pirueta, 2)* Ora essa! O senhor... O senhor!

CLARISSE e DE JAIVAL. *(ao mesmo tempo)* Mas o que foi?

VENTROUX. Você está mostrando o traseiro para um jornalista do *Figaro*!

CLARISSE. Do *Figaro*! Do *Figaro*!

VENTROUX. *(furioso)* É! Monsieur Romain de Jaival, do *Figaro*!

CLARISSE. *(passando, 3, para avançar contra de Jaival, dando a crer que vai esganá-lo)* De Jaival! O senhor é o Monsieur de Jaival! *(Mudando de tom e bem vagarosamente)* Oh, monsieur! Mas que reportagem mais divertida o senhor fez ontem no seu jornal! *(Ao marido)* Não foi?

VENTROUX. *(abrindo bem os braços)* Aí! Aí! Para ela, isso não tem importância nenhuma! *(Nesse momento, seus olhos dão com a janela, cuja persiana está bem aberta. Ele dá um grito estridente)* Ah! Clemenceau!

CLARISSE. Cadê o Clemenceau?

VENTROUX. *(afastando-se, como um bêbado)* Clemenceau!

CLARISSE. *(olhando na direção indicada)* Ah, sim, lá está!

Ela manda sorrisos e cumprimentos com o rosto para o tal personagem invisível.

VENTROUX. E ele está rindo! Está gargalhando! *(Desmontando sobre o canapé)* Estou frito! Minha carreira política está na lama!

CLARISSE. *(enquanto desce a cortina, mandando pequenas saudações a Clemenceau)* Olá, monsieur Clemenceau! Ah, muito bem, monsieur Clemenceau! E o senhor também, monsieur Clemenceau? Ah, melhor ainda! Melhor ainda, monsieur Clemenceau!

CORTINA

AVISO – Para as vespas artificiais, dirigir-se à Maison Bérard, número 8, Rue la Michodière, Paris⁵.

5 O endereço é ocupado hoje por uma academia de ginástica. Ou seja: nada de vespas. [Nota do Tradutor]